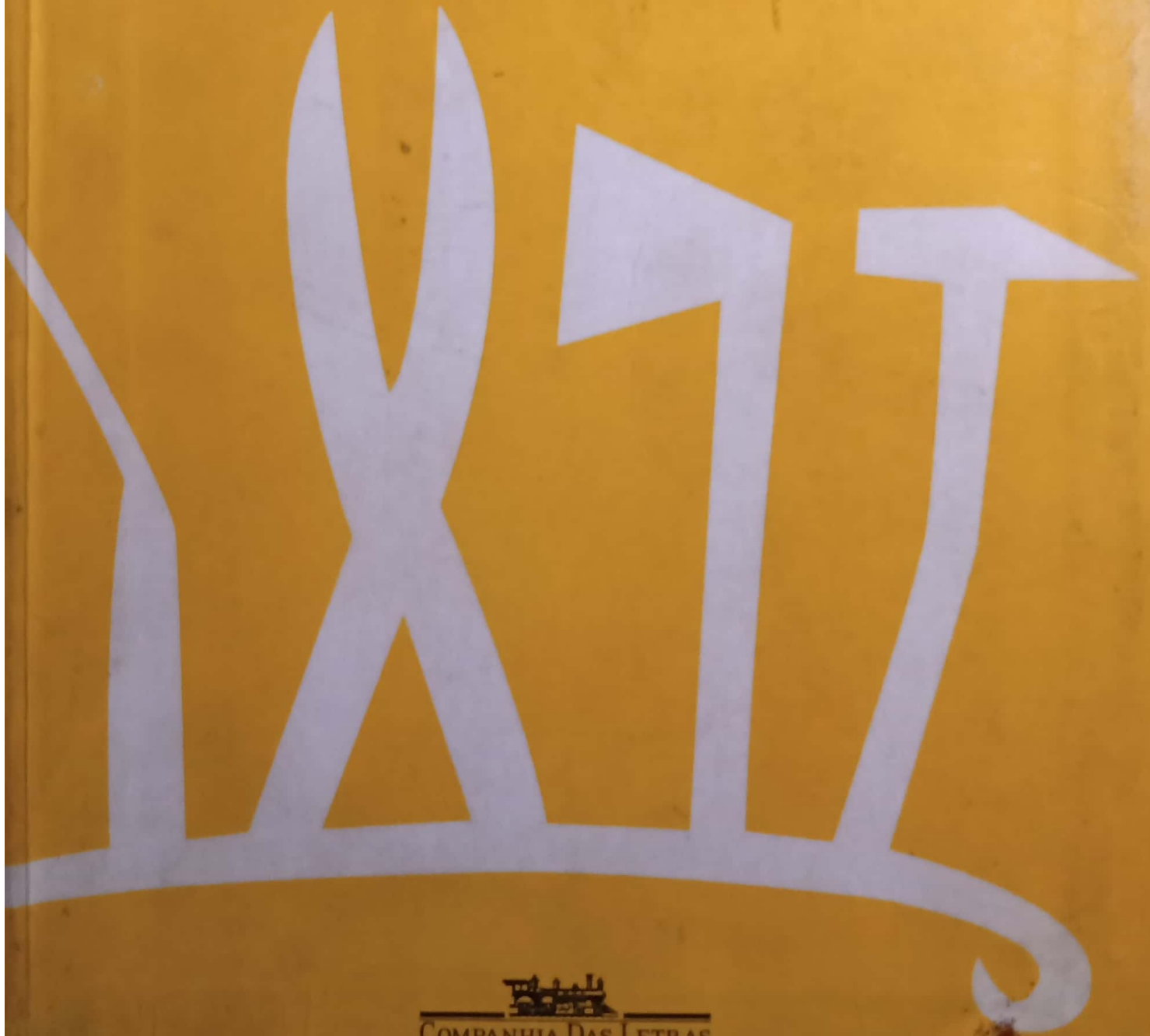


MITOLOGIA DOS ORIXÁS

REGINALDO PRANDI




COMPANHIA DAS LETRAS

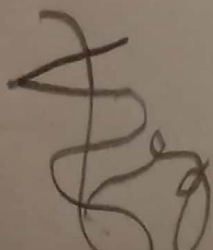
MITOLOGIA DOS ORIXÁS

REGINALDO PRANDI

Ilustrações de Pedro Rafael

17ª reimpressão

*Estus
2014*



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2001 by Reginaldo Prandi
Copyright das ilustrações © 2001 by Pedro Rafael
*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009*

Projeto gráfico e capa
Raul Loureiro

Fotos
Reginaldo Prandi
Roderick Steel
Toninho Macedo
Giliola Vesentini
Andreas Hofbauer

Índice onomástico
Reginaldo Prandi
Carlos Alberto Inada

Preparação
Carlos Alberto Inada

Revisão
Maysa Monção
Isabel Jorge Cury

Atualização ortográfica
Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Prandi, Reginaldo
Mitologia dos Orixás / Reginaldo Prandi ; ilustrações de
Pedro Rafael. — São Paulo : Companhia das Letras, 2001.

ISBN 978-85-359-0064-4

1. Candomblés 2. Deuses iorubás – África ocidental 3.
Deuses iorubás – Brasil 4. Deuses iorubás – Cuba 5. Iorubás
– mitologia 6. Orixás 1. Título

00-4370

CDD-299.63

Índices para catálogo sistemático:

1. Deuses iorubás: Religiões de origem africana negra
299.63
2. Orixás: Deuses: Religiões de origem africana negra
299.63

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 – São Paulo – SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Prólogo, 17

Exu — Legba — Eleguá — Bará, 38

- Exu ganha o poder sobre as encruzilhadas, 40
- Exu respeita o tabu e é feito o decano dos orixás, 42
- Exu ajuda Olofin na criação do mundo, 44
- Exu come tudo e ganha o privilégio de comer primeiro, 45
- Exu põe fogo na casa e vira rei, 47
- Eleguá guarda o portão de Aganju, 48
- Exu leva dois amigos a uma luta de morte, 48
- Legba carrega uma panela que se transforma em sua cabeça, 49
- Exu ajuda um homem a trapacear, 51
- Exu promove uma guerra em família, 52
- Eleguá ganha a primazia nas oferendas, 53
- Bará aprende a trabalhar com Ogum, 54
- Exu vinga-se por causa de ebó feito com displicência, 55
- Eleguá espanta a clientela das adivinhas, 56
- Exu recebe ebó e salva um homem doente, 57
- Exu provoca a ruína da vendedora do mercado, 58
- Exu come antes dos demais na festa de Iemanjá, 59
- Eleguá ajuda Orunmilá a ganhar o cargo de adivinho, 60
- Exu tenta trocar a morada dos deuses, 61
- Exu corta o nariz do artesão que não fez o ebó prometido, 63
- Exu não consegue vencer a Morte, 65
- Exu atrapalha-se com as palavras, 66
- Exu põe Orunmilá em perigo e depois o salva, 68

Obaluaê — Omulu — Xapanã — Sapatá, 202

- Obaluaê desobedece à mãe e é castigado com a varíola, 204
- Omulu cura todos da peste e é chamado Obaluaê, 204
- Obaluaê tem as feridas transformadas em pipoca por Iansã, 206
- Obaluaê conquista o Daomé, 207
- Xapanã ganha o segredo da peste na partilha dos poderes, 209
- Sapatá se esquece de trazer água para a Terra, 210
- Sapatá é proibido de viver junto com os outros orixás, 212
- Omulu ganha as pérolas de Iemanjá, 215
- Xapanã é proclamado o Senhor da Terra, 216
- Obaluaê morre e é ressuscitado a pedido de Oxum, 218
- Xapanã ganha seu culto entre os iorubás, 219
- Sapatá torna-se rei na terra dos jejes, 220

Oxumarê, 222

- Oxumarê desenha o arco-íris no céu para estancar a chuva, 224
- Oxumarê fica rico e respeitado, 225
- Oxumarê transforma-se em cobra para escapar de Xangô, 226
- Oxumarê usurpa a coroa de sua mãe Nanã, 227
- Oxumarê é morto por Xangô, 228

Euá, 230

- Euá transforma-se numa fonte e sacia a sede dos filhos, 232
- Euá transforma-se na névoa, 233
- Euá livra Orunmilá da perseguição da Morte, 235
- Euá casa-se com Oxumarê, 236
- Euá é expulsa de casa e vai viver no cemitério, 237
- Euá é escondida por seu irmão Oxumarê, 238
- Euá é presa no formigueiro por Omulu, 239
- Euá atemoriza Xangô no cemitério, 240
- Euá se desilude com Xangô e abandona o mundo dos vivos, 241

Obaluaê — Omulu — Xapanã — Sapatá



Obaluaê — Omulu — Xapanã — Sapatá

Obaluaê desobedece à mãe e é castigado com a varíola

Obaluaê era um menino muito desobediente.

Um dia, ele estava brincando perto de um lindo jardim repleto de pequenas flores brancas.

Sua mãe lhe havia dito que ele não deveria pisar as flores, mas Obaluaê desobedeceu à sua mãe e pisou as flores de propósito.

Ela não disse nada, mas quando Obaluaê deu-se conta estava ficando com o corpo todo coberto por pequeninas flores brancas, que foram se transformando em pústulas, bolhas horríveis.

Obaluaê ficou com muito medo.

Gritava pedindo à sua mãe que o livrasse daquela peste, a varíola.

A mãe de Obaluaê lhe disse que aquilo acontecera como castigo porque ele havia sido desobediente, mas ela iria ajudá-lo.

Ela pegou um punhado de pipocas e jogou no corpo dele e, como por encanto, as feridas foram desaparecendo.

Obaluaê saiu do jardim tão bom como quando havia entrado.

[97]

Omulu cura todos da peste e é chamado Obaluaê

Quando Omulu era um menino de uns doze anos, saiu de casa e foi para o mundo para fazer a vida.

De cidade em cidade, de vila em vila, ele ia oferecendo seus serviços,

procurando emprego.

Mas Omulu não conseguia nada.

Ninguém lhe dava o que fazer, ninguém o empregava.

E ele teve que pedir esmola,
mas ao menino ninguém dava nada,

nem do que comer, nem do que beber.

Tinha um cachorro que o acompanhava e só.

Omulu e seu cachorro retiraram-se no mato
e foram viver com as cobras.

Omulu comia o que a mata dava:
frutas, folhas, raízes.

Mas os espinhos da floresta feriam o menino.

As picadas de mosquito cobriam-lhe o corpo.

Omulu ficou coberto de chagas.

Só o cachorro confortava Omulu,
lambendo-lhe as feridas.

Um dia, quando dormia, Omulu escutou uma voz:

"Estás pronto. Levanta e vai cuidar do povo".

Omulu viu que todas as feridas estavam cicatrizadas.

Não tinha dores nem febre.

Obaluaê juntou as cabacinhas, os *atós*,
onde guardava água e remédios
que aprendera a usar com a floresta,
agradeceu a Olorum e partiu.

Naquele tempo uma peste infestava a Terra.

Por todo lado estava morrendo gente.

Todas as aldeias enterravam os seus mortos.

Os pais de Omulu foram ao babalaô
e ele disse que Omulu estava vivo

e que ele traria a cura para a peste.

Todo lugar aonde chegava, a fama precedia Omulu.



Todos esperavam-no com festa, pois ele curava.
Os que antes lhe negaram até mesmo água de beber
agora imploravam por sua cura.
Ele curava todos, afastava a peste.
Então dizia que se protegessem,
levando na mão uma folha de dracena, o *peregum*,
e pintando a cabeça com *efum*, *ossun* e *uági*,
os pós branco, vermelho e azul usados nos rituais e encantamentos.
Curava os doentes e com o *xaxará* varria a peste para fora da casa,
para que a praga não pegasse outras pessoas da família.
Limpava casas e aldeias com a mágica vassoura de fibras de coqueiro,
seu instrumento de cura, seu símbolo, seu cetro, o *xaxará*.

Quando chegou em casa, Omulu curou os pais
e todos estavam felizes.
Todos cantavam e louvavam o curandeiro
e todos o chamaram de Obaluaê,
todos davam vivas ao Senhor da Terra, Obaluaê.
[98]

Obaluaê tem as feridas transformadas em pipoca por Iansã

Chegando de viagem à aldeia onde nascera,
Obaluaê viu que estava acontecendo
uma festa com a presença de todos os orixás.
Obaluaê não podia entrar na festa,
devido à sua medonha aparência.
Então ficou espreitando pelas frestas do terreiro.
Ogum, ao perceber a angústia do orixá,
cobriu-o com uma roupa de palha que ocultava sua cabeça
e convidou-o a entrar e aproveitar a alegria dos festejos.

Apesar de envergonhado, Obaluaê entrou,
mas ninguém se aproximava dele.
Iansã tudo acompanhava com o rabo do olho.
Ela compreendia a triste situação de Omulu
e dele se compadecia.

Iansã esperou que ele estivesse bem no centro do barracão.
O *xirê* estava animado.

Os orixás dançavam alegremente com suas *equedes*.

Iansã chegou então bem perto dele

e soprou suas roupas de *mariô*,

levantando as palhas que cobriam sua pestilência.

Nesse momento de encanto e ventania,

as feridas de Obaluaê pularam para o alto,

transformadas numa chuva de pipocas,

que se espalharam brancas pelo barracão.

Obaluaê, o deus das doenças, transformou-se num jovem,

num jovem belo e encantador.

Obaluaê e Iansã Igbalé tornaram-se grandes amigos

e reinaram juntos sobre o mundo dos espíritos,

partilhando o poder único de abrir e interromper

as demandas dos mortos sobre os homens.

[99]

Obaluaê conquista o Daomé

Um dia Obaluaê saiu com seus guerreiros.

Ia em direção à terra dos mahis, no Daomé.

Obaluaê era conhecido como um guerreiro sanguinário,

atingindo a todos com as pestes,

quando estes se opunham a seus desejos.

Os habitantes do lugar, quando souberam de sua chegada,
foram em busca de ajuda de um adivinho.
Ele recomendou que fizessem oferendas,
com muita pipoca, inhame pilado, dendê
e todas as comidas de que o guerreiro gostasse.
Pipocas acalmam Obaluaê.

Disse que seria aconselhável que todos se prostrassem diante dele,
que se prostrassem em total submissão.

Assim o fizeram.

"Totô hum! Totô hum! Atotô! Atotô!"

"Respeito! Silêncio!"

Obaluaê, satisfeito com a sujeição daquele povo, o poupou.
Declarou que a partir daquele dia viveria naquele reino.

Assim o fez e em pouco tempo
o país tornou-se próspero e rico.

Obaluaê recebeu nas terras mahis o nome de Sapatá.

Mesmo assim era preferível chamá-lo de Aion,

Aion, Senhor da Terra,

ou Jeholu, Senhor das Pérolas.

Esses diferentes nomes foram adotados por famílias importantes,
mas infelizmente provocaram desentendimentos
entre elas e os reis do Daomé.

Muitas vezes as famílias de Sapatá foram expulsas do reino
e, em represália, muitos reis daomeanos morreram de varíola.

Tanta discórdia provocou seu nome,
que hoje ninguém sabe mais
qual o melhor nome para se chamar Obaluaê.

[100]

Xapanã ganha o segredo da peste na partilha dos poderes

Olodumare, um dia, decidiu distribuir seus bens.
Disse aos seus filhos que se reunissem
e que eles mesmos repartissem entre si as riquezas do mundo.
Ogum, Exu, Orixá Ocô, Xangô, Xapanã
e os outros orixás deveriam dividir
os poderes e mistérios sobre as coisas na Terra.
Num dia em que Xapanã estava ausente,
os demais se reuniram e fizeram a partilha,
dividindo todos os poderes entre eles,
não deixando nada de valor para Xapanã.
Um ficou com o trovão, o outro recebeu as matas,
outro quis os metais, outro ganhou o mar.
Escolheram o ouro, o raio, o arco-íris;
levaram a chuva, os campos cultivados, os rios.
Tudo foi distribuído entre eles,
cada coisa com os seus segredos,
cada riqueza com o seu mistério.
A única coisa que sobrou sem dono, desprezada, foi a peste.
Ao voltar, nada encontrou Xapanã para si,
a não ser a peste, que ninguém quisera.

Xapanã guardou a peste para si,
mas não se conformou com o golpe dos irmãos.
Foi procurar Orunmilá, que lhe ensinou a fazer sacrifícios,
para que seu enjeitado poder fosse maior que os dos outros.
Xapanã fez os sacrifícios e aguardou.
Um dia, uma doença muito contagiosa
começou a espalhar-se pelo mundo.
Era a varíola.
O povo, desesperado, fazia sacrifícios para todos os orixás,

mas nenhum deles podia ajudar.
A varíola não poupava ninguém, era uma mortandade.
Cidades, vilas e povoados ficavam vazios,
já não havia espaço nos cemitérios para tantos mortos.
O povo foi consultar Orunmilá para saber o que fazer.
Ele explicou que a epidemia acontecia
porque Xapanã estava revoltado,
por ter sido passado para trás pelos irmãos.
Orunmilá mandou fazer oferendas para Xapanã.
Só Xapanã poderia ajudá-los a conter a varíola,
pois só ele tinha o poder sobre as pestes,
só ele sabia os segredos das doenças.
Tinha sido essa a sua única herança.
Todos pediram proteção a Xapanã
e sacrifícios foram realizados em sua homenagem.
A epidemia foi vencida.
Xapanã então era respeitado por todos.
Seu poder era infinito, o maior de todos os poderes.
[101]



Sapatá se esquece de trazer água para a Terra

Sapatá e Sobô eram irmãos.
Depois da Criação, o Criador se cansou de trabalhar
e determinou que Sapatá e Sobô governassem por ele.
Mas os irmãos se desentenderam
e Sapatá, o mais velho, resolveu deixar o Céu
e vir residir na Terra.
Seu pai, o Criador, lhe deu todas as suas riquezas
e ele levou para a Terra tudo o que conseguiu carregar.
Sobô continuou a morar com o pai.

Com toda sua riqueza,
Sapatá teve muito sucesso junto aos humanos
e foi feito o rei da humanidade.
Mas, logo depois, a chuva parou de cair
e os humanos foram reclamar com Sapatá.
Ele disse que não se preocupassem,
que logo voltaria a chover.
Mas um ano se passou, e mais um,
e logo três anos e nada de chuva.
Nessa época, haviam descido à Terra dois homens,
que andavam de lugar em lugar,
divulgando as maravilhas de Ifá.
Eles falavam com todos os homens e mulheres,
que então já eram poucos,
pois a seca já matara de fome quase toda a população.
Quando os dois homens falaram com Sapatá,
ele reconheceu o jeito de se falar no Céu
e quis saber o que estava acontecendo.
Por que não chovia?
Eles disseram que não sabiam,
mas que portavam os instrumentos de adivinhação de Ifá
e que Ifá poderia tudo revelar.
Eles jogaram os dezesseis caroços de dendê
e disseram que havia uma discórdia,
uma discórdia entre dois irmãos
que desejavam ter as mesmas coisas.
Eles disseram que ele fizesse um sacrifício,
para assim acalmar Sobô, seu irmão mais novo.
Assim foi feito e um pássaro foi levar as oferendas.
Quando o pássaro chegava ao Céu,
avisaram Sobô que alguém se aproximava.
Para ver quem era, Sobô lançou um relâmpago,

que iluminou todo o espaço,
e ele viu o pássaro de Sapatá.
Ele recebeu o sacrifício e mandou dizer a Sapatá
que havia sido muito ambicioso,
levando com ele quase todas as riquezas do pai deles.
Mas tinha igualmente sido muito tolo,
pois não levava nem o fogo nem a água.
De fato, Sapatá deixara essas coisas para trás,
pois elas não couberam em seu saco de riquezas.
"Sem água e sem fogo ninguém pode governar,
ainda que tenha muitas riquezas",
mandou dizer Sobô a Sapatá.
O pássaro disse que Sapatá deixava
todo o governo do universo para o irmão Sobô,
que era o dono do fogo e o dono da água.
Naquele momento, uma chuva forte e benfazeja
caiu sobre a Terra e o mundo voltou à vida normal.
Os dois irmãos se reconciliaram.
De vez em quando, Sobô faz sua visita
em forma de relâmpago.

[102]

Sapatá é proibido de viver junto com os outros orixás

Quando viviam na Terra,
os orixás tinham uma convivência fraterna.
Eles se divertiam e celebravam.
A vida prosseguia e era boa.
Um ano, no tempo da colheita de batata-doce,
os orixás realizaram um festival.
Uma grande quantidade de vinho de palma foi preparada.

Os orixás comeram, beberam vinho de palma e dançaram.
Somente Sapatá, que detinha o segredo da varíola, não dançou.
Tinha uma perna de madeira e movia-se com a ajuda de uma bengala.
Então ele sentou-se quieto enquanto as festividades prosseguiam.
Mas, como todos os outros, bebeu bastante vinho de palma.
Eles começaram a rir, falar alto e gargalhar.
Alguém percebeu que Sapatá estava sentado solitário,
isolado e silencioso perto do vinho de palma,
e convidou-o a dançar com eles.
Mas Sapatá não quis dançar, preferia estar sozinho,
pois se envergonhava de sua perna de pau.
Os outros continuaram dançando e bebendo.
Eles começaram a insultar Sapatá
porque ele não se juntava a eles.
Sapatá não podia mais tolerar os insultos dos orixás.
Com a ajuda de sua bengala ele se levantou.
Arrumou sua roupa de modo que cobrisse a perna de pau
e cuidadosamente se uniu aos dançarinos.
Ele começou a dançar, mas dançava trôpego.
Além do mais, tinha bebido muito vinho de palma.
Os outros também estavam bêbados
e ao dançar esbarravam uns nos outros.
Um dos orixás esbarrou em Sapatá
e Sapatá caiu estatelado no chão.
Sua perna de madeira foi exposta e todos viram.
Os orixás riram e começaram a zombar dele.
Sapatá sentiu-se profundamente humilhado
e a cólera tomou conta dele.
Então começou a golpear e golpear com seu bastão,
atingindo vários dos convivas.
Os orixás foram tomados de surpresa e susto,
mas tão embriagados estavam

que não sabiam como proceder.
Só quando sentiram nas costas os golpes de Sapatá
é que começaram a correr.
Eles fugiram em todas as direções.
A dança acabou e Sapatá ficou sozinho no salão.
Os orixás foram para suas casas.

Todos os que foram tocados pelo bastão de Sapatá adoeceram.
Seus olhos ficaram vermelhos e bexigas espocaram em sua pele.
As notícias do incidente chegaram aos ouvidos de Obatalá.
Obatalá ficou bravo.

Sim, os orixás tinham humilhado Sapatá indevidamente
e não deviam ter se comportado assim grosseiramente,
mas Sapatá não devia ter feito justiça com as próprias mãos,
punindo-os com a varíola.

Por isso Sapatá devia ser punido também.

Obatalá foi até a casa de Sapatá para julgá-lo.

Sapatá viu Obatalá se aproximando e fugiu para dentro da mata.

Ao saber que Sapatá havia fugido para a mata,

Obatalá sentenciou que ele devia permanecer lá para sempre,
pois não era uma pessoa confiável para viver na comunidade.

Daquela ocasião em diante, Sapatá viveu sozinho na mata.

Uma vez ou outra ele causa varíola em orixás e humanos.

Ele é tão temido que as pessoas evitam pronunciar seu nome.
Elas o insinuem indiretamente, chamando-o "Ile Gbigona",

que significa Chão Quente,

ou "Ile Titu", o mesmo que Chão Frio,

ou "Olode", Senhor da Vastidão do Mundo.

Ou simplesmente o chamam Babá, isto é, Pai.

Mesmo os seus devotos o temem,

e quem sabe quem ele tocará com seu bastão,

seu temido *xaxará*?

Por isso, diz-se de Sapatá:

"Ele faz festa ao pai que está dentro da casa
e enquanto isso mata o filho que está na entrada".

[103]

Omulu ganha as pérolas de Iemanjá

Omulu foi salvo por Iemanjá
quando sua mãe, Nanã Burucu, ao vê-lo doente,
coberto de chagas, purulento,
abandonou-o numa gruta perto da praia.
Iemanjá recolheu Omulu e o lavou com a água do mar.
O sal da água secou suas feridas.
Omulu tornou-se um homem vigoroso,
mas ainda carregava as cicatrizes, as marcas feias da varíola.
Iemanjá confeccionou para ele uma roupa toda de ráfia.
E com ela ele escondia as marcas de suas doenças.
Ele era um homem poderoso.
Andava pelas aldeias e por onde passava
deixava um rastro ora de cura, ora de saúde, ora de doença.
Mas continuava sendo um homem pobre.
Iemanjá não se conformava com a pobreza do filho adotivo.
Ela pensou:
"Se eu dei a ele a cura, a saúde,
não posso deixar que seja sempre um homem pobre".
Ficou imaginando quais riquezas poderia dar a ele.
Iemanjá era a dona da pesca, tinha os peixes,
os polvos, os caramujos, as conchas, os corais.
Tudo aquilo que dava vida ao oceano
pertencia a sua mãe, Olocum,



e ela dera tudo a Iemanjá.
Iemanjá resolveu então ver suas joias.
Tinha algumas, mas enfeitava-se mesmo era com algas.
Ela enfeitava-se com a água do mar, vestia-se de espuma.
Ela adornava-se com o reflexo de Oxu, a Lua.
Mas Iemanjá tinha uma grande riqueza
e essa riqueza eram as pérolas,
que as ostras fabricavam para ela.
Iemanjá, muito contente com a sua lembrança,
chamou Omulu e lhe disse:
"De hoje em diante, és tu quem cuidas das pérolas do mar.
Serás assim chamado de Jeholu, o Senhor das Pérolas".
Por isso as pérolas pertencem a Omulu.
Por baixo de sua roupa de ráfia,
enfeitando seu corpo marcado de chagas,
Omulu ostenta colares e mais colares de pérola,
belíssimos colares.

[104]

Xapanã é proclamado o Senhor da Terra

Em terras iorubás havia um homem chamado Xapanã.
Averso aos preceitos morais, levava uma vida dissoluta.
Acabou contagiado por várias enfermidades que assolavam a Terra.
Não obedecia aos conselhos das divindades e dos adivinhos.
Teve varíola, doenças venéreas, males de todo tipo.
Por determinação dos orixás,
Xapanã foi sendo mutilado mais e mais pelas doenças,
não sendo acolhido nem mesmo por seus filhos.
No entanto, foi visto com misericórdia por Exu.
Os orixás determinaram que Xapanã não falaria mais no oráculo,

para não mais se saber das epidemias e doenças.
Ficaria encerrado em uma panela de barro
com a tampa emborcada, escondendo todos os segredos das epidemias.
Xapanã foi expulso do reino.
Dizia-se que com ele também a morte havia partido.
E todos festejaram.

No seu caminho para o exílio, Xapanã encontrou Exu,
que, penalizado, levou-o até Orunmilá.
O sábio leu o futuro de Xapanã e o mandou fazer *ebós*.
Recomendou que sempre andasse acompanhado por cachorros,
pois era isso o que dizia seu *odu*.
Assim seria respeitado e louvado em uma terra a que enfim chegaria.
Xapanã fez as oferendas como foi recomendado.
Acompanhado pelos cães que adotou,
continuou seguindo seu caminho.

Um dia chegou ao Daomé, onde reinava um cruel tirano.
O rei sem coração estava morrendo de peste.
Todos já sabiam que a peste e Xapanã eram a mesma coisa.
O rei mandou que levassem Xapanã a seu palácio.
Ao ver Xapanã, o rei prostrou-se a seus pés
e pediu perdão por todas as suas atrocidades.
Xapanã fez oferendas e Olofim mandou a chuva.
E a chuva cavou um buraco aos pés do governante
e o buraco tragou todas as más ações do enfermo rei.
O rei foi curado de seus males.
Xapanã foi adorado e respeitado nas terras do Daomé,
onde é sempre precedido por Exu.
Lá ele ocupa lugar importante no tabuleiro de Ifá.
Lá Xapanã foi chamado Obaluaê, o Senhor da Terra.
[105]

Obaluaê morre e é ressuscitado a pedido de Oxum

Obaluaê era muito mulherengo,
um galanteador incansável, um conquistador contumaz.
Mas era um homem sem disciplina
e não obedecia a mando algum que fosse.
Durante o período de um rito, Orunmilá advertiu
que todos se abstivessem de sexo, também Obaluaê.
Mas ele não cumpriu a interdição.
Pensava estar acima dos *euós*, dos tabus.
Naquela mesma noite possuiu uma de suas mulheres.
Na manhã seguinte Obaluaê tinha o corpo coberto de chagas.
As mulheres de Obaluaê foram à casa de Orunmilá
e lhe pediram que intercedesse junto a Olofim-Olodumare
para que ele desse o perdão a Obaluaê.
O grande rei não concedeu o perdão.
Obaluaê morreu.

Orunmilá não se deu por vencido.
Espalhou o mel de Oxum em todo o palácio de Olofim
e Olofim ficou deliciado com a oferenda.
Quem havia despejado tal iguaria em sua casa?,
perguntou Olofim a Orunmilá.
Havia sido uma mulher, foi a resposta.
Olofim mandou chamar todas as mulheres.
A última a chegar foi Oxum
e ela confirmou:
Sim, era dela, de Oxum, aquele doce e farto mel.
Olofim pediu-lhe mais doçura, mais mel.
Para isso tinha ele convocado as mulheres.
Oxum disse que sim,
que lhe daria o mel, tanto quanto ele quisesse,

mas tinha também o seu pedido:
Olofim devia ressuscitar Obaluaê.
Mas Obaluaê viveu para sempre com o corpo em chagas.
Esse castigo Olofim não retirou.

[106]

Xapanã ganha seu culto entre os iorubás

Xapanã vivia no Daomé.
Ele conhecia um grande número de feitiços,
que usava para promover muitas guerras.
Por isso o povo do Daomé o expulsou.
Xapanã, então, partiu para Oió com toda sua família.
Quando chegou a Oió, ele foi procurar o Alafim, o rei,
para persuadi-lo a guerrear contra o povo do Daomé.
Após Xapanã ter falado bastante, o Alafim disse:
"Já causaste muitas guerras.
Não precisamos de ti no meu país".
Xapanã partiu furioso do palácio.
Levava nas mãos uma tesoura presa a uma corrente.
Tirou do bolso grãos de sésamo e os espalhou pelo solo.
Com a tesoura e a corrente tocou o solo.
Então uma fenda se abriu e Xapanã desceu terra adentro.
No momento em que Xapanã desapareceu sob a terra,
a varíola se alastrou pela população de Oió.

Muitos ficaram doentes e muitos morreram.
O povo de Oió pediu ao Alafim
que fizesse algo para combater a peste,
ou todos morreriam.

O Alafim consultou seu babalaô.
O Alafim deveria levar um pote cheio de água
ao local onde Xapanã havia desaparecido.
Ali ele encontraria a tesoura e a corrente de Xapanã,
as quais deveriam ser depositadas no pote.
Aspergindo a água do pote nos enfermos, eles se recuperariam.
Assim foi feito e os enfermos foram curados.
Para que a enfermidade não voltasse a atacar,
deveriam ser realizados sacrifícios para Xapanã.
Todas as espécies de animais deveriam ser oferecidas,
mas não se poderia usar instrumento de metal no sacrifício.
Os animais deveriam ser esticados até a morte
e cortados em pedaços com facas de madeira.
Quando se realizava o sacrifício pela primeira vez,
um besouro apareceu voando em torno do pote de Xapanã.
Ninguém conseguia espantar, prender ou matar o besouro.
Sem saber o que fazer, foram procurar o babalaô,
que disse ser aquele inseto o mensageiro de Xapanã.
Xapanã deve receber sempre sacrifícios e oferendas,
para que não volte a mandar pestes e doenças.
[107]

Sapatá torna-se rei na terra dos jejes

Quando se formou o mundo,
Sapatá levava uma vida desregrada
e não cumpria com os mandatos de Olofim.
Sapatá foi muito mulherengo
e contraiu terríveis doenças contagiosas.
Um dia, chegou a peste às terras iorubás.
Os sacerdotes consultaram os deuses no jogo de búzios



e o jogo revelou um *odu* ameaçador.
Eles guardaram os búzios em uma panela de barro
e a tamparam com uma outra.
Imaginavam controlar a enfermidade,
aprisionando-a naquele recipiente.
Sapatá foi acusado de ter atraído a peste.
Para que pudesse reabilitar-se do terrível crime,
deveria cumprir a tarefa que lhe foi designada:
jogar água na panela que continha a peste,
enquanto eram pronunciados os encantamentos.

Assim fez ele, mas continuava malvisto pelo povo.
Abatido sob o peso do público desapareço,
Sapatá saiu vagando pelo mundo.
No caminho encontrou seu irmão Xangô,
que vinha da terra dos jejes,
onde também medrava uma grande pestilência.
Sapatá contou suas mazelas a Xangô
e disse que estava cansado de ser mal recebido.
Xangô, então, ensinou o irmão a praticar a cura,
usando azeite de dendê, pão, milho tostado e pipoca,
além de dar muitas receitas de magia curativa,
segredos que ganhara de Ossaim.
Xangô disse a Sapatá que ele deveria ir curar os jejes,
que estavam esperando por alguém que os salvasse.
Sapatá aceitou o conselho de Xangô,
foi e curou os doentes daquele país.
Em retribuição, Sapatá foi muito bem tratado pelos jejes
e mais tarde por eles aclamado seu rei, seu senhor.

[108]